

## Subordinação e conquistas na intelectualidade pernambucana: a relação de Mauro Mota e Gilberto Freyre

*Subordination and achievements in Pernambuco's intellectual circles: the relationship between Mauro Mota and Gilberto Freyre*

Tércio de Lima Amaral

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2810-5010>

Rede Municipal de Educação de Jaboatão dos Guararapes

**Resumo:** Apesar das aparências amistosas, um campo intelectual é construído por disputas de poder e de batalhas simbólicas. No nosso caso, neste artigo, analisamos as relações construídas entre dois intelectuais que tiveram grande projeção nas ciências humanas e sociais em Pernambuco no século 20: o jornalista Mauro Mota com o sociólogo Gilberto Freyre. Por meio de cartas, artigos de jornais e livros publicados entre os anos 1950 e 1970, analisamos como Freyre exerceu sua influência por meio de ameaças, coerção e muitos pedidos para amplificar ainda mais seu nome na mídia e nas discussões em torno de supostos movimentos literários, como foi o caso do Regionalismo. Neste trabalho, analisamos essa relação por meio da imprensa, de cartas e bilhetes, cujo cenário principal foi o jornal Diário de Pernambuco, mas também pela administração de instituições científicas, como foi o caso do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), instituições ligadas a Mauro e que, nesse contexto, tiveram de aceitar os mandos e desmandos do autor de Casa Grande & Senzala. Para tanto, utilizamos como aporte teórico discussões sobre identidade balizadas por teóricos como Judith Butler e Vladimir Safatle na construção do intelectual sujeitoado em Mauro Mota.

**Palavras-chave:** Intelectualidade; Gilberto Freyre; Mauro Mota.

**Abstract:** Despite apparent friendliness, an intellectual field is built on power struggles and symbolic battles. In this article, we analyze the relationships built between two intellectuals who had great prominence in the humanities and social sciences in Pernambuco in the 20th century: the journalist Mauro Mota and the sociologist Gilberto Freyre. Through letters, newspaper articles, and books published between the 1950s and 1970s, we analyze how Freyre exerted his influence through threats, coercion, and numerous requests to further amplify his name in the media and in discussions surrounding supposed literary movements, such as Regionalism. In this work, we analyze this relationship through the press, letters, and notes, primarily in the newspaper Diário de Pernambuco, but also through the administration of scientific institutions, such as the Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), institutions linked to Mauro and which, in this context, had to accept the dictates of the author of Casa Grande & Senzala. To this end, we use as a theoretical framework discussions on identity guided by theorists such as Judith Butler and Vladimir Safatle in the construction of the subjugated intellectual in Mauro Mota.

**Keywords:** Intellectualism; Gilberto Freyre; Mauro Mota.

### Introdução



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

O campo intelectual<sup>1</sup> é construído por relações nem sempre amistosas e, no caso de Mauro Mota, sua relação com o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre foi estratégica para sobrevivência entre seus pares como também para a conquista de espaços importantes, como a direção do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), no Recife, que ficou sobre seu comando entre os anos de 1956 a 1970. Nascido na capital pernambucana, em 1908, apesar de publicamente ter adotado, supostamente, o ano de 1911 para disfarçar seu letramento tardio, Mauro Ramos da Motta e Albuquerque fez seus estudos iniciais em Nazaré da Mata, no interior de Pernambuco, e depois retornou ao Recife para concluir o ginásio e realizar sua formação em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito do Recife, concluída no ano de 1937. Desde cedo, mostrou sua inclinação para o jornalismo, atuando em publicações como o *Diário da Manhã* e o *Diário de Pernambuco*, este último consolidando sua carreira e chegando a diversos postos, como editor do suplemento literário, entre os anos de 1947 e 1959, e diretor da empresa ligada ao então poderoso grupo de comunicação *Diários Associados* (AMARAL, 2021).

Relatos familiares dão conta das dificuldades enfrentadas pelo intelectual pernambucano. Um desses é do filho mais velho de Mauro Mota, o antropólogo Roberto Motta. Segundo ele (MOTTA, 2012, pp. 227-254), o pai de Mauro e seu avô, José Feliciano da Motta, era um dos filhos de João Feliciano da Motta e Tereza Alexandrina Cabral de Melo. João Feliciano casou em 1878 com Tereza Alexandrina, irmã, por parte de pai e mãe, de João Cabral de Mello, avô do poeta João Cabral de Mello Neto. Assim como Mauro Mota, José Feliciano era bacharel em Direito formado pela Faculdade de Direito do Recife. Apesar do belo sobrenome, a família era modesta, estabelecida no município de Vicência, Zona da Mata Norte de Pernambuco. Com o casamento com uma Cabral de Mello, João Feliciano teve a oportunidade de administrar um patrimônio considerável, mas perdeu a fortuna - sobretudo a herança da mulher - em empreendimentos agrários ou pecuários no município de Quipapá.

Com o prejuízo, o casal sobreviveu graças à renda de João Feliciano como lente de Geografia e Latim do Ginásio Pernambucano, do qual foi diretor até a morte, no ano de 1913. Já José Feliciano, também conhecido como Juca ou Yoyô, pai de Mauro Mota, casou-se com a paraibana Aline da Motta Albuquerque, que tinha, na época, apenas 14 anos. Ela, apesar de conhecê-lo quando ele servia como promotor em Itabaiana, teria nascido na cidade que hoje é conhecida como o município de João Pessoa. Mas o aperto financeiro continuou perseguindo os Mottas. Enquanto exercia a função de promotor no estado da Paraíba, onde conheceu a mulher, José Feliciano perdeu o cargo e foi afastado da função em 1910.

---

<sup>1</sup> De acordo com o sociólogo francês, Pierre Bourdieu, a estrutura do campo intelectual “é um estado de relação de forças entre os agentes ou as instituições que intervêm na luta ou, se vocês preferirem, de distribuição de capital específico que há sido acumulado durante lutas anteriores e que orienta as estratégias anteriores” (BOURDIEU, 2002, p. 120). Entre as características desse campo intelectual, que abriu agentes de diferentes formações e visões de mundo, como o ligado ao sociólogo Gilberto Freyre, no Recife, figura a disposição por galgar espaços maiores nas esferas pública e privada. “O campo literário e artístico atrai e acolhe agentes muito diferentes entre si por suas propriedades e suas disposições, portanto, por suas ambições”, diz o sociólogo, completando: “E com frequência bastante providos de confiança e de segurança para recusar contentar-se com uma carreira de universitário ou de funcionário e para enfrentar os riscos dessa profissão que não é uma profissão” (BOURDIEU, 1996, p. 256).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Em entrevista ao Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro, Mauro Mota relata algumas dificuldades, algumas delas enfrentadas na juventude com o seu amigo Álvaro Lins. Diz Mauro,

Com Álvaro Lins, quando nós terminamos os primeiros anos de faculdade, nós morávamos em pensões, vizinhos. E não tínhamos... fazíamos o seguinte: bem, vamos contratar pensão só para dormir, de tomar o café e almoço. Jantar, não. Não vamos jantar aqui, para não ficarem zangados, não tínhamos dinheiro para pagar, né? Nosso jantar habitual era ele e média. Quer dizer, o café com leite, eu sempre odiei leite. Era café com pão, com manteiga. Agora, nos grandes dias, um pedacinho de queijo de coalho. *Por falta de dinheiro?* (Entrevistador) Por falta de dinheiro total. Agora sempre de bom humor. *Passavam por você, perguntavam... estão fazendo o lanche?* Era. *Era o jantar* (Entrevistador) (Risos) Era. Eu me lembro uma ocasião... fazia o lanche. Uma ocasião, fui encontrado por um colega, não é? Digo... comendo umas frutas miúdas, umas pitombas e caju. Ele disse: “Vai pedir o que para o jantar?”. Mal sabia que eu estava era jantando<sup>2</sup>.

Foi nesse contexto de instabilidades que Mauro Mota começou a construir sua carreira. Por muitos anos, manteve mais de uma função – além de jornalista, dava aulas de Geografia em escolas do Recife. A amizade e relações que construiu ao longo da vida lhe favoreceram a conquistar postos e, ao mesmo tempo, garantir espaço entre os principais nomes da intelectualidade pernambucana do século 20. Foi com Gilberto Freyre, no entanto, que essa relação se mostrou mais complexa. Ao mesmo tempo em que venerava o sociólogo, Mauro também se transforma num verdadeiro “tarefeiro”, cedendo a diversos pedidos e caprichos. O jornal em que consolida sua carreira tinha um dia sido chefiado por Gilberto e o instituto de pesquisas, o IJNPS, que chegou a dirigir foi criado por uma Lei de autoria de Freyre quando o mesmo foi deputado federal por Pernambuco no ano de 1948. É sobre essa relação que tratamos aqui. Relação essa que, longe de ser apenas de submissão, permitiu que Mauro galgasse diversos espaços que poucos pernambucanos conquistaram no período.

Assim como Mauro Mota, Gilberto Freyre nasceu em Recife, no dia 15 de março de 1900. Era filho de Alfredo Freyre, educador, juiz de direito e catedrático de economia política na Faculdade de Direito do Recife, com Francisca de Mello Freyre. Na infância, ele entrou no Colégio Americano Gilreth, no Recife. Conviveu, por exemplo, desde muito cedo com a elite açucareira decante, com suas temporadas no Engenho São Severino do Ramo, de seus parentes. Também como Mauro Mota, iniciou sua vida literária por meio da participação de uma sociedade literária na escola e tornou-se o redator-chefe do jornal impresso do colégio intitulado *O Lábaro*. Concluiu o curso de bacharel em Ciências e Letras na escola recifense, depois seguindo para as universidades norte-americanas de Baylor, no Texas, onde concluiu a formação em bacharel em Artes, e de Columbia, em Nova York, onde tornou-se mestre com a tese sobre a vida social no Brasil no século XIX (FREYRE, 2006).

Em dezembro de 1933, Freyre publicou o seu livro mais conhecido, com diversas traduções pelo mundo: *Casa Grande & Senzala*. Logo em seguida, publicou outros trabalhos

<sup>2</sup> MOTA, Mauro. Gravação para o Museu da Imagem e do Som do Rio de Janeiro [entrevistadores Aurélio Buarque de Holanda], 1971.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

importantes, como *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e Progresso* (1956). Gilberto Freyre chegou a ser eleito deputado federal por Pernambuco em meados da década de 1940, e tornou-se um intelectual com projeção nacional e internacional, com braços na imprensa e no poder público. Manteve relações próximas como lideranças hoje rechaçadas publicamente, como ditador português Oliveira Salazar. Era esse o peso simbólico com o qual Mauro Mota teve que lidar. De um intelectual – que não mudou de domicílio para o Rio de Janeiro, como a maior parte dos consagrados –, que permaneceu no Recife e ditou os rumos de parte da imprensa e da instituições científicas de Pernambuco (FREYRE, 2006, pp. 343-377).

Protagonistas deste artigo, Gilberto Freyre e Mauro Mota foram tema de diversos estudos. Gilberto, justiça seja feita, com uma infinidade de trabalhos que começaram a ser produzidos ainda quando estava vivo, a exemplo das pesquisas do bibliotecário Edson Nery da Fonseca (FONSECA, 2011). Sua obra foi discutida em teses de doutorado (NICOLAZI, 2008) e até por pesquisadores fora do Brasil (BURKE, 2009). Muitos deles, no entanto, foram e são de caráter evocativo, valorizando aspectos de inovação sua obra nos campos da literatura, da história e das ciências sociais e humanas (VIEIRA, 2013). Por outro lado, há os que rompem com essa tradição desde a década de 1960, como é o caso do sociólogo Florestan Fernandes (FERNANDES, 2021), pioneiro em romper com a tese da “democracia racial” propagada em trabalhos do pernambucano como em *Casa Grande & Senzala*. Nessa linha, também, dialoga a historiadora Silva Cortez Silva que analisou a presença do discurso anti-semita e racista na obra de Freyre, intelectual de referência na vida de Mauro Mota: “Sabe-se que esta acomodação maravilhosa entre a casa-grande e a senzala é fruto dos devaneios freyrianos”, relata Silva. “O que a historiografia registra em relação ao assunto foi uma acomodação na base do chicote, sevícias e o olhar vigilante do dominador sobre o outro, sua propriedade, seu objeto” (SILVIA, 2010, p. 57).

Já Mauro Mota foi tratado, em termos biográficos, por trabalhos de caráter institucional do jornal *Diário de Pernambuco*, periódico em que trabalhou por boa parte da vida e editou um suplemento literário de bastante influência na região Nordeste. A tese principal veiculada pela empresa jornalística (DUARTE, 2001) é que esse suplemento, encadernado no *Diário* entre os anos 1940 e 1950, revelou diversos talentos de forma democrática. Porém, trabalhos mais recentes mostram que esses talentos estavam associados à rede de relacionamentos de Mauro e dos *Diários Associados* (AMARAL, 2022). No entanto, duas biografias sobre o jornalista pernambucano se destacam: a primeira de Nilo Pereira, que trata de aspectos da vida de Mauro e defendem teses equivocadas, como de que ele seria alheio à política (PEREIRA, 1987). Por outro lado, outro estudo sobre Mauro foi publicado sob a forma de causos divertidos de sua vida contados pelo pesquisador Waldemar Valente, ligado ao Instituto Joaquim Nabuco (VALENTE, 1986). O trabalho de Valdemar revela muitos aspectos sobre a vida pessoal de Mauro como a vida amorosa agitada e a mistura de ambientes e trabalho com os de casa, na ótica do patrimonialismo.

Presença constante na trajetória de Mauro Mota, o sociólogo Gilberto Freyre foi sua maior referência intelectual. Aliado de primeira ordem, em alguns momentos, crítico ferrenho e até intimidador. Com Gilberto, Mauro Mota criou uma relação de fidelidade, às vezes, não correspondida. Trata-se uma relação diferente da que foi constituída com Álvaro Lins. É a submissão. Silencia-se a ordens, sujeita-se a caprichos, cria fatos talvez inexistentes e até mesmo envolve-se em devaneios daquele que, no século XX, foi a maior referência das



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

ciências humanas e sociais de Pernambuco. A análise de correspondências entre os dois demonstra essa relação de sujeição, mesmo que os registros, em boa parte, sejam compostos pela correspondência passiva, ou seja, cartas e bilhetes que Mauro Mota recebeu do seu mestre. A historiadora Ângela Castro Gomes, que realizou um estudo e publicou as correspondências trocadas entre Gilberto Freyre e o diplomata pernambucano Oliveira Lima, defende que escrever para a imprensa e escrever cartas eram práticas culturais muito exercidas por intelectuais nos séculos XIX e XX, “constituindo-se em forma de expressão central para todos eles, tanto material como simbolicamente” (FREYRE, LIMA, 2005, p. 9).

Boa parte das práticas de Gilberto Freyre com Mauro Mota – colocando-o para procurar ou comprar livros, fazendo dele quase literalmente um secretário – parece ter sido copiada da relação de Gilberto, décadas atrás, com Oliveira Lima:

Vê-se que, sobretudo nos anos de Nova York, Freyre é instado por Lima a realizar uma série de tarefas que incluíam desde localizar números de jornais e revistas que lhe interessavam, conseguir o endereço de uma instituição, arrumar um local para publicação de sua foto, até comprar um remédio para sua bronquite ou um café venezuelano no gosto de D. Flora. (...) Evidentemente uma estratégia de promoção para ambos, mas sem dúvida mais valiosa para Freyre, que dessa maneira era introduzido ao mundo das publicações acadêmicas no Brasil e no exterior (FREYRE, LIMA, 2005, p. 23).

De acordo com a historiadora, esse registro de memória – a carta – pode iluminar a compreensão da obra de um intelectual: “Ela é um documento – uma fonte – para contextualizar sua produção, fornecendo informações sobre questões que têm a ver com a criação, a circulação e a recepção de sua obra” (FREYRE, LIMA, 2005, p. 12). Na análise da correspondência trocada pelos dois, podemos observar que, ao seguir os caprichos de Gilberto Freyre, Mauro Mota também consolidou sua carreira intelectual e acabou, também, assim como seu tutor, conquistando espaços importantes. Após consolidar sua carreira acadêmica com formação em instituições nos Estados Unidos, nos anos 1910 e 1920, Gilberto também se beneficiou de Oliveira Lima, de quem antes realizava pequenos caprichos: “Mas é quando da partida de Freyre para a Europa, em meados de 1922 e após a bem-sucedida defesa da tese, que a tarefa de Lima alcança seu apogeu (FREYRE, LIMA, 2005, p. 27)”, destaca a pesquisadora. “Nesse momento, ele parece municiar Freyre de um conjunto de contatos – nomes, endereços, apresentações – em vários países, com destaque para consulados e legações, que conhece tão bem e que podem dar suporte ao jovem” (FREYRE, LIMA, 2005, p. 27).

A relação com Mauro Mota também mudou com o tempo. Se no começo dos anos 1950, Mauro era tratado como um reles jornalista que lhe faz caprichos como a publicação de artigos, tempos depois essas mesmas cartas registram o seu crescimento, por meio do pedido de novas tarefas, já como diretor-executivo do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), do qual Gilberto foi fundador e presidente do Conselho Diretor.

O suplemento editado por Mauro Mota teve um papel importante na construção da imagem pública de Gilberto Freyre enquanto intelectual. Nas páginas literárias do jornal, a vida de Gilberto era exposta quase como um diário. Até os desafetos do sociólogo eram alvo de críticas, quando não tinham seus espaços reduzidos. Lançamentos de livros, recepções



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

no Brasil e no exterior, opiniões (mesmo que antagônicas) sobre o sociólogo tiveram espaço como nenhum outro autor. Às vezes, com informações nem sempre verídicas, fabricadas dentro do Solar de Apipucos, como uma verdadeira agência de notícias de cunho pessoal. Afinal, Gilberto Freyre – que inspirou Mauro Mota do ponto de vista teórico, dentro da comunicação – também atuou como jornalista na imprensa recifense, nos anos 1920, e sabia do poder que essas páginas tinham na sobrevivência e ampliação de seu legado intelectual perante a opinião pública.

Este trabalho utiliza diversas fontes históricas para a construção de uma narrativa da trajetória intelectual de Mauro Mota. Analisamos 52 cartas do acervo de Mauro Mota doado à Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), sobretudo, a correspondência passiva, aquela que o intelectual recebia. Entre os principais nomes de cartas e bilhetes estão o de Álvaro Lins, Aníbal Fernandes, Edson Nery da Fonseca, Gilberto Freyre, Nilo Pereira, entre outros. Apesar da publicidade criada em que o acervo de Mauro Mota ter sido doado à Fundaj, parte dele ainda continua sob a guarda da família, a exemplo de algumas cartas trocadas por ele e Álvaro Lins. O jornalista Nilo Pereira afirmou ter tido acesso a cartas que ainda estão sob a guarda da família ao produzir a biografia Mauro Mota e o seu tempo (PEREIRA, 1987, pp. 142-144). Também analisamos 57 correspondências de Mauro destinadas ao sociólogo Gilberto Freyre, de posse da Fundação Gilberto Freyre, no Recife. Essa documentação revela, sobretudo, um cotidiano do trabalho de Mauro Mota no Instituto Joaquim Nabuco repleto de documentos de sua gestão destinados a Gilberto, então presidente do Conselho Diretor.

### **Ordens, cobranças e ameaças em bilhetes: a relação de Gilberto e Mauro por meio de correspondências**

Em 15 de fevereiro do ano de 1955, Mauro Mota recebe um bilhete em tom ameaçador. Vaidoso, o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre reclama que seus artigos não vem recebendo o mesmo tratamento dos que vinham sendo publicados pelo jornalista Aníbal Fernandes, que foi um dos diretores mais combativos na história do Diário de Pernambuco. No bilhete, Freyre exige o mesmo tipo de fonte e chega a ameaçar acionar o presidente e fundador dos Diários Associados, Assis Chateaubriand, para resolver o “problema”. O recado era simples e direto: caso seu pleito não fosse resolvido, ele iria incomodar o dono da empresa, que, na época, comandava o maior conglomerado de empresas de comunicação no Brasil. Avisa o sociólogo,

Caro Mauro, Tudo farei para não brigar com v. a propósito de tipo de meus artigos. Mas não poderei transigir: ou v., por quem muito extremo e um fato o de quem de qualquer modo me considereis adivinhar, não tomar a providência de fazer sempre meus artigos serem publicados no mesmo tipo do meu igualmente caro e admirável Aníbal, desta minha condição de ex-diretor do jornal – e em que fase! Serei obrigado a levar o caso ao Chateaubriand e incomodar ao velho amigo com tão penosa coisa. Pequena coisa que eu não posso e devo transigir. Conto com v., Gilberto Freyre<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Fundaj, CMMo, crp. 21, doc 458, Bilhete (15 de fevereiro de 1955).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Esse é um exemplo de tantos outros bilhetes recebidos e guardados por Mauro Mota. Um dos primeiros registros encontrados por nossa pesquisa nas correspondências de Freyre a Mauro referem-se à cobrança de pagamentos de colaborações de artigos do sociólogo aos Diários Associados, então maior conglomerado de mídia do Brasil, que incluía empresas como a TV e Rádio Tupi, revista O Cruzeiro, e, em Pernambuco, o Diário de Pernambuco. Como “intelectual independente<sup>4</sup>”, Gilberto garantia sua sobrevivência por meio de artigos publicados, palestras e vendas de seus livros: “A transcrição, no Diário, de trechos do meu livro ainda esgotado sobre o Recife, peço a v. que tente a iniciativa, a gentileza de providenciar junto a gerência para me ser pago esse extra<sup>5</sup>”, pede Freyre, em bilhete datado em 29 de junho de 1952, deixando que Mauro Mota livre para o critério de estabelecer o valor. A despedida desse bilhete é com abraços, como a maioria da correspondência, mesmo quando o tom não era amigável.

Para analisar essa relação, dialogamos com o filósofo e psicanalista Vladimir Safatle, cuja obra articula questões como a psicanálise de influência lacaniana e a filosofia política. Autor da tese do “circuito dos afetos”, Safatle defende que a sociedade molda nossos laços sociais por meio de emoções como medo, esperança e ressentimento. Os afetos, nesse sentido, conectam corpos e constroem identidades, como a que defendemos em Mauro Mota, construída intelectualmente a partir de uma submissão a Gilberto Freyre. E foi assim que essa relação desses dois intelectuais pernambucanos foi construída: por afetos e, também, por medo, pela coerção inerente a esse tipo de sentimento. Sobre o medo, o filósofo Vladimir Safatle cita Hobbes na afirmação “canônica” de que “de todas as paixões, a que menos faz os homens tender a violar é o medo. Mais: excetuando algumas naturezas generosas, é a única coisa que leva os homens a respeitá-la” (SAFATLE, 2018, p. 16). Nessa perspectiva, segundo o autor, compreender as relações sociais e as sociedades como circuito de afetos também implicaria analisar os modos de gestão social do medo. Apesar da ameaça em acionar o então presidente dos Diários Associados, aparentemente a relação de Gilberto Freyre com ele não era das mais próximas.

Freyre chegou a assumir cargos de direção e a chefia de redação do jornal em dois momentos. Uma, na década de 1920, com a família Lyra, quando foi então o organizador do Livro do Nordeste, em comemoração ao centenário do Diário de Pernambuco, em 1925, e na década de 1930, quando o jornal já era propriedade do Velho Capitão<sup>6</sup>. No entanto, sob a gestão dos Diários Associados, Gilberto Freyre teria passado um curto período na chefia – e há uma corrente que defende justamente a desaprovação de seu nome e de seu estilo por parte do novo dono da empresa. Esse tipo de bilhete é comum nas correspondências de Mauro Mota. Em 12 de julho de 1957, Gilberto Freyre chama a atenção, além de Mauro Mota,

<sup>4</sup> Alguns biógrafos de Gilberto Freyre defendem a ideia de que ele sobreviveu, exclusivamente, graças ao seu trabalho intelectual. Os historiadores Peter Burke e Maria Lúcia Pallares Burke enfatizam essa tese dizendo que a mulher do intelectual também era talentosa em administrar seus “suados tostões” conquistados pela venda de livros e publicação de livros, além de palestras. Essa tese, no entanto, é fracassada até nas entrelinhas do próprio livro produzido sobre Gilberto Freyre pelos autores. O sociólogo, além do dinheiro ganho pelo seu trabalho intelectual, dependeu, e muito, de cargos em instituições públicas desde o começo da carreira (BURKE, 2009, p. 160).

<sup>5</sup> Fundaj, CMMo, cpr. 15, doc. 291, Bilhete (29 de junho de 1952).

<sup>6</sup> Nome dado a Assis Chateaubriand por seus colaboradores.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

do jornalista Antônio Camelo, importante dirigente da empresa no final do século XX. “Caro Mauro, peço para este artigo sua melhor atenção, a do Camelo e da revisão. Abraço, Gilberto<sup>7</sup>”.

Dentro da filosofia política também dialogamos com a filósofa Judith Butler, que influencia Vladimir Safatle em conceitos como performatividade e precariedade, defendendo assim construção do sujeito e das identidades a partir da dependência do outro e das normas sociais. Neste artigo, especificamente, conciliamos o conceito de campo intelectual de Pierre Bourdieu, mas, no caso da relação entre Mauro Mota e Gilberto Freyre, reforçamos, além das relações de dominação e disputa entre intelectuais tratadas pelo francês, a discussão com os conceitos dos circuitos dos afetos formados – até porque era uma relação publicamente de amizade – e da formação de uma identidade sujeitada. No caso de Mauro, sujeitada publicamente, por meio de livros e artigos publicados em referência a Freyre, e ainda na esfera privada, com as cartas e bilhetes analisadas aqui. É nesse sentido Butler argumenta que o poder é, como subordinação, um conjunto de condições que precedem o sujeito, que o efetua e o subordina desde o princípio. Esse poder não apenas põe em ato uma ação ao sujeito que é demandado, mas também lhe confere existência (BUTLER, 2017, p. 22).

Já em relação aos abusos de poder – sobretudo simbólicos de Gilberto Freyre sobre Mauro Mota –, a autora defende que o sujeito é vulnerável a um poder que não criou, ou seja, um poder que o precede até mesmo enquanto existência (BUTLER, 2017, p. 22). Fadado a buscar reconhecimento em categorias, espaços e termos em que não criou – como exemplo, o campo intelectual de então –, o sujeito representado por Mauro Mota busca sua existência fora de si, na relação com o outro, em um discurso que, ao mesmo tempo, é dominante e indiferente. Para a autora, o preço de existir dentro da sujeição é a subordinação: “Precisamente no momento em que a escolha é impossível, o sujeito busca a subordinação como a promessa da existência” (BUTLER, 2017, pp. 29-30). A sujeição, segundo ela, explora o desejo de existência. Ou seja, para existir enquanto intelectual, Mauro Mota assinalou sua vulnerabilidade primária ao Outro, representada por Gilberto Freyre. Destaca a filósofa,

Para ressaltar os abusos do poder como reais, e não como criação ou fantasia do sujeito, o poder é muitas vezes projetado como inequivocamente externo ao sujeito, como algo imposto contra sua vontade. Mas se a própria produção do sujeito e a formação dessa vontade são as consequências de uma subordinação primária, é inevitável que o sujeito seja vulnerável a um poder que não criou. Essa vulnerabilidade qualifica o sujeito como um tipo de ser explorável. Se tivermos de nos opor aos abusos do poder (o que não é o mesmo que se opor ao poder em si), parece prudente considerarmos no que consiste sermos vulneráveis a esse abuso. O fato de os sujeitos serem construídos em vulnerabilidade primária não justifica os abusos que sofrem; pelo contrário, isso só deixa ainda mais claro o quanto a vulnerabilidade pode ser fundamental (BUTLER, 2017, p. 29).

As cartas e bilhetes com ordens e pedidos se estendem por muito tempo. O ano de 1955 é exemplar nesse estilo de comunicação. Em setembro daquele ano, Gilberto Freyre chama a atenção de Mauro Mota como se fosse seu chefe, e ainda lhe faz ameaças caso não

<sup>7</sup> Fundaj, CMMo, crp. 29, doc. 673, Bilhete (12 de junho de 1957).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

cumpra suas instruções. “É inaceitável que v. sendo o redator chefe do Diário, continue a desatenção com relação a meus artigos, publicados em tipo miúdos. Caso isto escape de seu controle, peço lealmente me informar que eu vou atrás de providências<sup>8</sup>”. Gilberto Freyre quer espaço: pede para que seus artigos sejam publicados em fontes grandes, em locais nobres dos jornais. Ele sabia da importância desse tipo de publicação para angariar novos leitores e colocá-lo no centro do debate.

Os pedidos de Gilberto Freyre chegam ao ponto para que Mauro Mota plante notícias, sem qualquer tipo de apuração, a empresas concorrentes ao Diário de Pernambuco, como é o caso da encomenda endereçada ao colunista social José de Souza Alencar, mais conhecido como Alex, do Jornal do Commercio do Recife. “Caro Mauro<sup>9</sup>”, escreve Gilberto em bilhete no dia 11 de janeiro de 1966, “Favor obter do Alex publicar uma coisa dele mais ou menos o seguinte: ‘Sabemos que, nos últimos dias, houve duas conversas telefônicas do Presidente Castelo Branco com o nosso conterrâneo Gilberto Freyre. Ignora-se o assunto<sup>10</sup>’, pede o sociólogo. Bilhetes como esse demonstram a relação de confiança e fidelidade de Mauro Mota. De fato, não havia como saber se, de fato, tal conversa com Gilberto Freyre aconteceu e quem ele pretendia atingir com esse tipo de informação/intimidação.

Aliás, tal tipo de informação ajudara o sociólogo em demonstrar, em pleno regime militar (1964-1985), que estava muito próximo ao poder. Em outro bilhete, datado também do ano de 1966, Gilberto fez outro pedido que envolvia, além do Diário, o Esmaragdo Marroquim, do Jornal do Commercio. “Caro Mauro, caso concorde, favor enviar estas notícias (duas vias) ao Camelo (D.P.) e ao Esmaragdo Marroquim (J. do C.), recomendando-a. Agradece, Gilberto Freyre<sup>11</sup>”. Uma das características de Mauro Mota enquanto intelectual era seu bom relacionamento com colegas de outras empresas jornalísticas. Os jornais eram concorrentes, mas os jornalistas dessas empresas criavam, muitas vezes, redes de sociabilidade que ultrapassavam a barreira da competição.

<sup>8</sup> Fundaj, CMMo, crp. 22, doc. 470, Bilhete (29 de setembro de 1955).

<sup>9</sup> Fundaj, CMMo, crp. 59, doc. 1288, Bilhete (11 de janeiro de 1966).

<sup>10</sup> Ibid.

<sup>11</sup> Fundaj, CMMo, crp. 60, doc. 1293, Bilhete (4 de maio de 1966).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



*Figura 1 - Mauro na redação do Diário: as presenças de Aníbal Fernandes e de Gilberto Freyre entre a elite masculina que ditava as regras da intelectualidade no Recife.*

Fonte: Acervo da Fundação Joaquim Nabuco (doravante Fundaj), Coleção Mauro Mota (doravante CMMo).

O livre trânsito para os pedidos de Gilberto Freyre é reflexo dessa rede cujos pedidos circulavam em via de mão dupla. Na análise das cartas de Mauro Mota, essa rede fica clara na troca de correspondências com o jornalista Nilo Pereira. Em uma correspondência enviada por Mauro Mota ao colega residente na Rua Cardoso Ayres, no Recife, ele o agradece pelo tratamento dado pelo Jornal do Commercio na crítica ao seu livro *O Cajueiro Nordestino*. “Querida, e sinto que nem tenho jeito, agradecer o seu belo artigo publicado ontem, no Jornal do Commercio, sobre a Geografia Literária<sup>12</sup>”, diz Mauro Mota, elogiando ainda a habilidade do colega na arte de bem escrever. “Compreendo os motivos que o levaram a tanto engrandecer o linho com a sua autoridade de crítico e escritor que, em cada nota, transmite aos leitores uma lição pública dessa arte que invejo e que, por sua vez, se dá a tão poucos<sup>13</sup>”. Mauro Mota afirma, ainda, que a publicação da crítica lhe rendeu diversas felicitações e chama a atenção para um único nome: o reconhecimento da qualidade por Gilberto Freyre. “Recebi muitas felicitações pelo seu artigo, inclusive de Gilberto Freyre. Partindo mesmo das ‘notas avulsas’, que lê diariamente, ele, ontem mesmo, referiu-se a você com justas palavras de exaltação ao escritor<sup>14</sup>”.

A troca de elogios, por vezes, poderia estar presente em pedidos de publicações. Em outra correspondência, dessa vez de Nilo Pereira a Mauro Mota, ele fala da dificuldade de escrever sobre o livro de poesias do colega em sua crítica ao jornal *Folha da Manhã*. “Quero

<sup>12</sup> Fundaj, CMMo, cpr. p2, doc. 23a28g1, Correspondência (11 de setembro de 1961).

<sup>13</sup> Ibid.

<sup>14</sup> Ibid.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

agradecer o envio de suas admiráveis Elegias, sobre as quais escrevo, no Suplemento da Folha do próximo domingo um modesto artigo. Será, talvez, a pior contribuição que se traz ao conhecimento e interpretação de sua poesia<sup>15</sup>”, escreveu Nilo, de Recife, em 11 de fevereiro de 1953. “De fato, meu caro Mauro, senti dificuldade de escrever sobre seus versos, porque estou infinitamente abaixo deles. E o que produzi não está à altura do grande poeta, que é uma de minhas leituras constantes<sup>16</sup>”, completa. A correspondência ainda trata de questões pessoais, como uma viagem de Nilo ao estado do Rio Grande do Norte e de possíveis homenagens que Mauro receberia caso viajasse para a região de Natal e de Ceará-Mirim. A carta termina com o pedido de publicação no Diário de Pernambuco. “Dei, ontem, ao Geraldo Seabra cópia de um telegrama que me dirigiu o governador José Américo, no qual me considerava – veja quanta generosidade! Filho da Paraíba. Não saiu, hoje, no nosso DIÁRIO<sup>17</sup>”, lamenta. “Certamente, falta de espaço. Seria possível publicá-lo amanhã? Insisto nisso porque o telegrama é sumamente honroso para mim, pobre e humilde homem, que só me envaideço da glória dos meus amigos<sup>18</sup>”, completa o pedido despedindo-se com um abraço afetuoso.

Gilberto Freyre também tinha como estratégia enviar o mesmo artigo para dois pontos focais diferentes. No Diário de Pernambuco, Mauro Mota era a referência dos pedidos. Em um bilhete, ele envia um artigo a Mauro Mota e pede para que passe por revisão, deixando uma recomendação expressa: que também envie o artigo para distribuição dos outros jornais dos Diários Associados. “Caro Mauro, vai o artigo da semana para v. reencaminhar à revisão. Não esquecer o mesmo para os D.A., pois o meu contato com os D.A e Waldemar Cavalcanti vem procurando transcrever todos os artigos. Só não faz quando não aparece o Diário por lá<sup>19</sup>”, comunica Freyre, ao destacar que, nos Diários Associados, seu ponto de apoio também era o jornalista Waldemar Cavalcanti, de O Jornal, no Rio de Janeiro. Em outra correspondência, Gilberto Freyre – que deveria estar entrando de férias ou em viagem – melhora o humor e o tratamento a Mauro Mota. “Com um abraço de despedida, para v. e os camaradas do Diário, envio dois artigos que remetem importantes como depoimentos de algum interesse histórico<sup>20</sup>”. O tema dos artigos envolvia o ex-presidente Getúlio Vargas, antigo desafeto dos dois: “Nada tem de modo distante com atualidades políticas: seu plano e a história e o da justiça que devemos a Vargas – apesar de todos seus enormes defeitos<sup>21</sup>”.

A análise das cartas e bilhetes de Gilberto Freyre a Mauro Mota revelam uma relação de subordinação completa. Em algumas, Gilberto faz de Mauro praticamente um secretário pessoal. Em um bilhete datado de 4 de agosto de 1966, Gilberto Freyre pede, inclusive, que Mauro Mota envie correspondência em seu lugar. “Vão as provas de um livro que o Arquimedes vai lançar para você enviá-las, por gentileza, que você tem o seu endereço exato em S. Paulo. Grato desde já<sup>22</sup>”. Em outra correspondência, Gilberto Freyre chega a orientar

<sup>15</sup> Fundaj, CMMo, cpr. 16, doc 314, Correspondência (11 de fevereiro de 1953).

<sup>16</sup> Ibid.

<sup>17</sup> Ibid.

<sup>18</sup> Ibid.

<sup>19</sup> Fundaj, CMMo, cpr. 15, doc. 296, Correspondência (4 de novembro de 1952).

<sup>20</sup> Fundaj, CMMo, cpr. 20, doc. 443,1, Correspondência (15 de setembro de 1954).

<sup>21</sup> Ibid.

<sup>22</sup> Fundaj, CMMo, cpr. 62, doc. 1338, Correspondência (3 de abril de 1967).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Mauro Mota de como ele deveria escrever o prefácio de seu próprio livro, *O talvez poesia*, o primeiro do gênero publicado por Freyre. Em uma carta enviada no ano de 1952, Gilberto pede a Mauro que republique no prefácio que está escrevendo uma poesia que Carlos Drummond de Andrade fez em sua homenagem. “Sei que você está com as provas do prefácio de *Talvez Poesia*. Sugiro que você utilize esses versos de nosso grande Drummond<sup>23</sup>”, orienta. Mauro atende o pedido e republica os versos no fim do prefácio, cujo texto é, do começo ao fim, repleto de elogios ao agora poeta recifense Gilberto Freyre. “Já aos onze anos andava, no Recife, em companhia de Camões, só conhecido, pelos outros meninos de sua idade, como zanolho dos bustos de cerâmica do Porto, trepados nos portões de sobrados recifenses” (MOTA, 1981, pp. 69-77), detalhou Mauro Mota, que republicou o prefácio em um livro do Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco<sup>24</sup> dedicado, junto com outros autores, à obra freyriana. “E de Camões denunciava a influência, que chamaria de ‘sonetista abasileirada pela de José de Alencar tropicalista’, traduzida em alguns decassílabos de pausas ortodoxas, e até mesmo com o requinte verde de rima rica” (MOTA, 1981, pp. 69-77), completou.

Ao tratar da sujeição, também com uma construção simbólica, o filósofo Vladimir Safatle usa o exemplo de Heródoto, na Antiguidade, e na mudança de armas para sujeitar os escravos. “Enquanto eles nos virem armados, julgar-se-ão iguais a nós; vendo-nos com chicotes em vez de armas, eles compreenderão que são nossos escravos; percebendo isto, não resistirão” (SAFATLE, 2018, p. 159). Ao declamar ordens por meio de bilhetes e cartas, elemento materializado de seu poder, Gilberto Freyre também explorava a potência de internalização da sujeição, de submeter Mauro Mota à disciplina e preservar a autoridade encarnada por um instrumento que, na relação dos dois, virou a marca e a sintetização da relação servil e de sujeição (SAFATLE, 2018, p. 159). Os escravos sujeitados, assim como Mauro Mota, “mesmo lutando pela liberdade, algo neles nunca poderia se voltar contra o que não era exatamente a imagem de seus senhores, mas o instrumento que organiza o tempo do trabalho, bem como o lugar que cada um” (SAFATLE, 2018, p. 160), destaca o autor, “deveria ocupar com suas funções específicas, o ritmo do corpo, a sensação psicológica de dever cumprido e o regime de atenção” (SAFATLE, 2018, p. 160). Ainda de acordo com Safatle,

Mesmo revoltando-se contra a figura imaginária da autoridade, continuavam presos à determinação simbólica da disciplina. Eles poderiam se rebelar contra as representações da autoridade, mas não contra a estrutura, com sua ordem, suas determinações. Bastou que tal determinação simbólica se

<sup>23</sup> Fundaj, CMMo, cpr. 14, doc. 275, Correspondência (s/d, 1952).

<sup>24</sup> Mauro Mota integrou o Conselho Estadual de Cultura de Pernambuco desde o ano de 1969. Por meio de uma proposta do sociólogo Gilberto Freyre, que também era membro do conselho, assumiu a direção do Departamento de Cultura do Estado de Pernambuco, a partir do ano de 1971. A nomeação foi comunicada por carta do Conselho Federal de Cultura, em 28 de maio de 1971. “Conformidade decisão plenário. Conselho Federal de Cultura: aprovada sessão seis de maio. Proposta do Conselheiro Gilberto Freyre: tenho satisfação apresentar o ilustre confrade e prezado amigo congratulações desde colegiado motivo de sua nomeação ao cargo de diretor do Departamento de Cultura do Estado de Pernambuco. Cordiais cumprimentos, Manoel Caetano Bandeira de Mello, secretário geral Conselho Federal de Cultura”. A partir do ano de 1981, também integrou o Conselho Federal de Cultura.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

encarnasse no chicote para que o ímpeto da rebelião desaparecesse. Se o cita que teve tal intuição pode ser elevado a patrono dos Departamentos de Recursos Humanos de nossas grandes empresas é por compreender como a verdadeira sujeição se constrói, principalmente, através da mobilização libidinal das estruturas disciplinares em circulação no universo do trabalho (SAFATLE, 2018, p. 160).

### **Criando narrativas: o apoio de Mauro Mota na construção de um falso Movimento Regionalista**

Em apoio a Gilberto Freyre, Mauro Mota também se envolveu em uma das polêmicas intelectuais do Nordeste no século XX: a paternidade freyriana e até mesmo comprovação de existência do Movimento Regionalista<sup>25</sup>. Tudo começou no ano de 1952 (AZEVEDO, 1984, p. 151), quando Gilberto Freyre publicou o livro Manifesto regionalista de 1926, atribuindo para si a liderança de um movimento literário, artístico, ecológico e até de caráter político. Sua defesa era de que diversos intelectuais nordestinos foram influenciados por tal manifesto e que a influência do Movimento Modernista, de São Paulo, da década de 20, que culminou com a Semana de Arte Moderna de 1922, foi ofuscada, se não anulada, pelo Regionalismo. “Igual destino teve o Regionalismo do Recife, quase sumido ao lado do Modernismo do Rio e do de São Paulo, seus parentes ricos e aparecidos um pouco antes dele” (FREYRE, 1955, p. 7), descreveu Freyre, em uma das edições do documento na década de 1950. “É que ao Regionalismo do Recife, a seu modo também modernista, mas modernista e tradicionalista ao mesmo tempo, faltou, na sua época heroica, propaganda ou divulgação na imprensa metropolitana” (FREYRE, 1955, p. 7), completa, ao afirmar que essa imprensa era indiferente, senão hostil, ao que fosse da região nordestina. O próprio Freyre atribuiu para si a elaboração e leitura de tal manifesto durante o 1º Congresso Regionalista do Nordeste, realizado no Recife também em 1926:

Durante o Congresso é que escrevi e li as palavras que ficaram conhecidas como “Manifesto Regionalista”, só em parte publicado no Diário de Pernambuco. Pois o nosso propósito – meu e de meus companheiros, organizadores do Congresso Regionalista do Recife – era publicar em volume não só este manifesto, como as teses apresentadas nas comissões ou lidas em plenário. Projeto que fracassou porque faliu o velho Banco, em que estava depositado o dinheiro do Centro. Mas, como a papelada existe, ainda é possível que venha a ser publicada em breve pelo Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisa Social (FREYRE, 1955, p. 10).

<sup>25</sup> A ideia de um Movimento Regionalista liderado por Gilberto Freyre em oposição ao Modernismo de São Paulo foi criada pelo próprio Gilberto Freyre – em 1952, o sociólogo publicou um livro intitulado Manifesto Regionalista de 1926 pela Editora Região, do Recife (AMARAL, 2021, p. 63). Esse movimento, segundo ele, teria influenciado diversos autores de toda a região Nordeste. Gilberto sustentava a tese de que o manifesto teria sido publicado nos anos 1920, mas nunca conseguiu provar a existência do mesmo. A tese de Gilberto Freyre, apesar de inverídica, ganhou muitos adeptos e foi abraçada, posteriormente, por diversos estudiosos, como o professor Durval Muniz de Albuquerque Júnior, e até mesmo o pesquisador Alfredo Bosi (BOSI, 2006). Neste artigo, no entanto, dialogamos com os trabalhos de Joaquim Inojosa, Neroaldo de Azevedo e Wilson Martins, cujos estudos desconstróem a ideia do Movimento Regionalista na concepção de que teria existido e criado por Gilberto Freyre (AZEVEDO, 1984).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Além de gerir a instituição responsável pela segunda edição do Manifesto regionalista de 1926, Mauro Mota republicou, em 1979, pelo Arquivo Público Estadual Jordão Emereciano (Apeje), quando dirigiu a instituição, o Livro do Nordeste, de 1925. Responsável pelo prefácio da nova edição, intitulada *Diário, Gilberto e Regionalismo*, Mauro Mota faz um histórico do livro original, lembra dos colaboradores – que tiveram seus trabalhos republicados, entre eles o poeta Manuel Bandeira, que publicou a primeira versão do poema *Evocação do Recife* – e faz um histórico da atuação de Freyre no jornalismo pernambucano, a exemplo da atuação e suposta modernização editorial que empreendeu no jornal *A Província*. Mauro ainda saiu em defesa do Movimento Regionalista e criou a tese de que o manifesto de Freyre da década de 1950 seria, na verdade, o Livro do Nordeste. A ideia, no entanto, não contém qualquer aparato técnico de argumentação. “Não é que esses escritores e artistas pernambucanos ou de formação pernambucana ficassem silenciosos ou inativos sem o impulso que os conduziu a uma temática regional. Nem que, por recebê-lo, contorcessem ou perdessem a expressão individual” (MOTA, 1979, p. 6), diz no prefácio. “É que, recebendo-o, mantiveram-se mais fiéis às fontes do Recife e da Região, ao encadeamento de influências e sugestões procedentes do ‘Movimento Regionalista de 1926’, cujo manifesto ‘a priori’ talvez tenha sido este livro aparecido um ano antes” (MOTA, 1979, p. 6).

A associação de Mauro Mota ao nome de Gilberto Freyre e ao pseudo Movimento Regionalista influenciou a análise do crítico literário, geógrafo e jornalista Tadeu Rocha. Em um estudo sobre a literatura regionalista no Nordeste, ele chegou a defender a existência de dois momentos com essa temática. O primeiro seria intitulado de Regionalismo Tradicionalista, creditado após a publicação do Livro do Nordeste, em 1925, organizado por Gilberto Freyre, a quem cabia a liderança. “O primeiro regionalismo nordestino valorizou o homem e as coisas deste pedaço do Brasil, uma interpretação realista dos nossos fatos históricos, sociais e econômicos” (ROCHA, 1964, p. 13), defende Tadeu Rocha. O movimento, segundo ele, também foi capaz de iniciar uma nova mentalidade anti-academicista meio intelectual do Nordeste, “que puderam cristalizar as suas idéias nos estudos históricos e geográficos, no ensaio sociológico, no romance social e na poesia regionalista ou profundamente humana” (ROCHA, 1964, p. 13). Já o segundo movimento foi intitulado como Regionalismo Literário, iniciado e sob a liderança de escritores como Mauro Mota. O ponto de referência cronológico desse segundo “movimento regionalista” é justamente 1947, quando Mauro Mota iniciou a edição do suplemento literário do *Diário de Pernambuco*, jornal de bastante influência na região.

“O segundo movimento regionalista do Nordeste – o Regionalismo Literário – iniciou-se no Recife, em novembro de 1947. Com a redemocratização do país, dois anos antes, e o fim da ocupação ditatorial do Nordeste” (ROCHA, 1964, p. 14), destaca ao autor, ao tratar da questão política como influenciadora do movimento. O período considerado “democrático” está localizado entre o fim da ditadura do presidente Getúlio Vargas e o Golpe de 1964 no país. “Logo se esboçaram, nesta região geográfica, os limites de uma federação literária, abrangendo as Províncias de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte e alcançando terras do Ceará, tendo o Recife como capital” (ROCHA, 1964, p. 14). Defende Tadeu,



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Como aconteceu com o Regionalismo Tradicionalista, o Regionalismo Literário também foi deflagrado nas páginas do Diário de Pernambuco. O poeta Mauro Mota, com os poderes de secretário do velho jornal, reformou o seu suplemento domingueiro, em 16 de novembro de 1947, dando-lhe vivacidade e cor local. Foram seus colaboradores no empreendimento os poetas Edson Régis e Guerra de Holanda e o escritor Laurênio Lima, então redatores do Diário. As revistas Nordeste, de Esmaragdo Marroquim e Aderbal Jurema, e Região, de Edson Régis, tomaram posições definidas no movimento, que foi logo reforçado pelos suplementos dominicais do Jornal do Commercio, sob a orientação do crítico literário Aderbal Jurema, e da Folha da Manhã, dirigido pelo escritor Nilo Pereira (ROCHA, 1964, pp. 14-15).

A primeira edição do livro Manifesto regionalista de 1926 foi publicada pela Editora Região, do Recife, em 1952. Posteriormente, em 1953, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS), do qual Mauro Mota era diretor-executivo, republicou uma nova edição sem maiores mudanças em seu conteúdo. O documento, na época, não provocou reações entre os intelectuais nordestinos. Uma outra edição, em 1955, foi publicada pelo Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura. Só no ano de 1965, com a publicação do livro O modernismo, do crítico Wilson Martins, que as primeiras suspeitas sobre a autenticidade do documento foram levantadas. Wilson Martins questionou o estilo do trabalho (uma nova transcrição) e a negligência de Gilberto Freyre em guardar um documento – o texto original do manifesto – tão importante por tantos anos. Mas coube ao pernambucano e líder local do movimento modernista, Joaquim Inojosa, denunciar publicamente a questão, pela primeira vez, com O movimento modernista em Pernambuco, em 1968 (AZEVEDO, 1984, p. 153). Em uma separada do livro, publicada sob o título No pomar do vizinho, fraudes literárias de Gilberto Freyre, em 1968, Inojosa apresentou entrevistas com envolvidos nas atividades e criação do Centro Regionalista do Nordeste, com a organização do congresso, e nenhum deles – Odilon Nestor, Edgar Teixeira Leite e Alfredo Moraes Coutinho – expressou a tese de que nenhum manifesto foi escrito, produzido ou lido na época.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)



*Figura 2 - Mauro e o amigo mentor Gilberto: a imagem tem seu simbolismo, como o braço de Freyre sobre os ombros de Mauro como se reconhecesse sua fidelidade.*

Fonte: Fundaj, CMMo.

Joaquim Inojosa defende, ainda, que o que Freyre escreveu foi uma ampliação de um artigo lido e publicado posteriormente no *Diário de Pernambuco* intitulado *A estética e tradições da cozinha brasileira*. “O que foi ‘publicado’ no ‘Diário de Pernambuco’ contém 3.000 palavras, enquanto o ‘Manifesto’ de 1952 se recheia de 68.000 (sem falar no prólogo e desprezando-se os quebrados...)” (INOJOSA, 1968, p. 10), analisa. “Isto é, oculto, encolhido, ‘abandonado’ por 25 anos, nada menos do que 95%, a quase totalidade, do ‘trabalho’” (INOJOSA, 1968, p. 10), completa o autor em um livro com bastante polêmica e críticas ferrenhas a Gilberto, acusando o sociólogo de crime de *lesa literatura* e de publicar um documento forjado. “Em 1952 publica Gilberto Freyre um ‘manifesto’ (...) tentando alterar a cronologia e criando a lenda de precedência, que desde então vem impingindo a toda gente, na passividade mais absurda e inconsequente” (INOJOSA, 1968, p. 10). Inojosa ironiza também o papel de Mauro Mota<sup>26</sup> como propagador das teses freyrianas e cita um dos livros do autor, *Geografia Literária*. Segundo Inojosa, Mauro “levou a sério” simples anedotas de

<sup>26</sup> Apesar do tratamento irônico, a documentação indica que Mauro Mota e Joaquim Inojosa, maior inimigo intelectual de Gilberto Freyre, mantinham relações amistosas. Em uma carta do Rio de Janeiro, em 25 de fevereiro de 1973, Inojosa trata Mauro com respeito e o indica como representante de um congresso internacional de filologia em Pernambuco. Diz um trecho da carta: “Numa reunião de ontem na biblioteca de Plínio Doyle, indiquei Mauro Mota para esta patriótica tarefa em Pernambuco, o que de logo foi aceito e aplaudido. Acredito que não venha isto a sobrecarregar as suas múltiplas atividades, porque enfim o principal se resume em obter trabalhos de escritores locais e organizar, depois, a turma dos que devam comparecer, conforme entendimentos diretos com os dirigentes daqui”. In: Fundaj, CMMo, cpr. 105, doc. 2373, Correspondência (25 de fevereiro de 1973).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Luís Jardim ao fazer a seguinte afirmação: “Vida intelectual brasileira antes e depois de Gilberto Freyre. Por que antes dele não tínhamos, rigorosamente (pelo menos em Pernambuco), o sentido cultural brasileiro (Mauro Mota – ‘Geografia Literária’, pág. 38) (INOJOSA, 1968, p. 41).”

As denúncias, de fato, surtiram efeito, tanto é que em uma quarta edição, Gilberto Freyre retirou o ano de 1926 do título do livro. “De ‘Manifesto regionalista de 1926’ passou simplesmente a ‘Manifesto regionalista’, sem se apresentar qualquer justificativa para a mudança” (AZEVEDO, 1984, p. 153), conforme Neroaldo de Azevedo<sup>27</sup>. Ainda nessa quarta edição, Gilberto Freyre retirou o prefácio das edições anteriores, substituindo-o por outro que tentou relacionar o então Movimento Regionalista, e seus simpatizantes, ao modernismo de São Paulo. “Em artigo mais recente, de 1980, Gilberto Freyre fala claramente em ‘redação de 1952 de pronunciamentos feitos em 1926’, referindo-se ao manifesto. Também esclarece que o título de ‘Manifesto regionalista’ (sic) foi dado em 1952” (AZEVEDO, 1984, p. 153). Depois da polêmica e descoberta a farsa, Gilberto Freyre chegou a mudar de versão e disse que a documentação que comprovaria o manifesto desapareceu após um saque e incêndio brutal na casa do seu pai, Alfredo Freyre, em 1930, sendo essa mais uma contradição, uma vez que, em 1952, sua versão era de que “a papelada existe”.

Mais tarde, em um novo trabalho, já com denúncia de Joaquim Inojosa publicada, o crítico Wilson Martins trata o pseudo Movimento Regionalista como uma “falsa vanguarda”. O mesmo termo ele utiliza para outro pseudo movimento literário do Rio de Janeiro, o Modernismo Espiritualista (católico), também tratado como Festa, liderado por Tasso da Silveira. “Ambas tradicionalistas e ideologicamente direitistas e tentando contraditoriamente erigir sobre essas fundações um modernismo; ambas animadas da mesma odienta hostilidade contra os ‘rapazes de S. Paulo’” (MARTINS, 1965, p. 101), define, ao afirmar que, no fundo dessa querela, estavam as rivalidades entre Rio de Janeiro e São Paulo e a entre o Norte e o Sul. “Um diferença essencial entre ‘Festa’ e os regionalistas de Recife está em que a primeira surgiu desde o primeiro momento como uma força e com uma intenção antimodernista” (MARTINS, 1965, p. 102), diz sobre o movimento católico. Sobre o regionalista, ele afirma que “só tardiamente pensaram em reivindicar a própria importância, muito embora fossem igualmente hostis, desde 1924, à ideia de reconhecer lealmente a prioridade paulista” (MARTINS, 1965, p. 102).

O crítico Wilson Martins acabou tomando partido de Joaquim Inojosa, reconhecendo que esse foi o pioneiro em introduzir a pauta modernista em Pernambuco. Ele também reforçou a questão de que Gilberto Freyre, nesse contexto, não iria aceitar o rótulo de “discípulo de Inojosa” e, por isso mesmo, tentou criar um movimento tardio na região. “É certo

<sup>27</sup> Neroaldo Pontes de Azevedo, no entanto, afirma que muitas ideias reunidas por Gilberto Freyre no Manifesto regionalista de 1926, de fato, foram publicadas por ele na imprensa do período. Porém, o autor não entra no mérito da discussão da suposta influência desses escritos sobre a intelectualidade nordestina do período, nem coloca Freyre como o grande baluarte entre a inteligência do período: “É preciso que se diga que muitas ideias expostas no ‘Manifesto regionalista de 1926’ foram divulgadas em artigos pela imprensa na época”. Assim, as ideias de Gilberto Freyre, expressas na década de 20, devem ser buscadas nessas colaborações e não no ‘Manifesto regionalista de 1926’, que é texto de 1952. Consequentemente, a avaliação do Congresso Regionalista do Nordeste não pode ser feita a partir de um manifesto que não existiu (AZEVEDO, 1984, p. 153).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

que Gilberto Freyre, embora ‘tradicionalista’ desde o primeiro instante (o que é a característica fundamental do seu espírito), não terá chefiado desde essa época uma visível reação regionalista contra as novidades modernistas” (MARTINS, 1965, p. 110), atesta, apesar de reconhecer, em princípio, que as ideias modernistas não foram bem aceitas entre os intelectuais nordestinos. “O ‘primeiro impulso’ de Ascenso Ferreira foi resistir ao modernismo: tal será, em regra, o primeiro impulso de todos os intelectuais do Nordeste, como José Lins do Rêgo, Jorge de Lima, mais tarde Jorge Amado” (MARTINS, 1965, p. 110), completou, ao falar, ainda, de Graciliano Ramos, que conservou essa desconfiança até o fim dos seus dias. Porém, sobre o Regionalismo de Gilberto Freyre, ele é bem enfático: “O regionalismo, ao contrário, ficou confinado ao Recife e não teve, fora de lá, nenhuma repercussão” (MARTINS, 1965, p. 114).

Mas, independente de tentar marcar posição enquanto “regionalista”, e/ou liderar um hipotético movimento em torno dessa escola, a obra de Gilberto Freyre dialoga, nos anos 1930, com o movimento modernista. É o que diz o antropólogo Ricardo Benzaquen de Araújo, ao analisar, sobretudo, Casa Grande & Senzala e outras produções do período. O estudioso afirma que o próprio Freyre se dizia, na época, modernista, e que, de fato, o levantamento realizado pelo seu trabalho mostra a relação do pernambucano com nomes como Manuel Bandeira, Prudente de Moraes Neto, Rodrigo Melo Franco de Andrade e, segundo ele, sugestivamente, Paulo Prado, Sérgio Buarque e Afonso Arinos. Tal pensamento diverge da maioria dos trabalhos que, sob óticas positivas ou negativas a respeito do trabalho intelectual freyriano, colocam-no no regionalismo e/ou o enquadram dentro de um perfil tradicional, aristocrático e conservador, ou seja, no caminho inverso às demandas “modernizantes” do modernismo paulista. Ele cita, por exemplo, a análise do diploma, crítico e membro da Academia Brasileira de Letras, José Guilherme Merquior, que indicava que Gilberto praticava um “modernismo realmente singular, anárquico e relativamente distante das formulações vanguardistas tão influentes em São Paulo” (ARAÚJO, 1994, p. 23).

### **No Instituto Joaquim Nabuco: uma gestão sujeitada aos caprichos de Gilberto Freyre**

Analisando as correspondências de Mauro Mota a Gilberto Freyre, essas, por sua vez, de posse da Fundação Gilberto Freyre, no Recife, chega-se à conclusão de que a dependência do diretor-executivo do Instituto Joaquim Nabuco e da própria instituição também era material, claro que, com elementos de mistura do espaço privado, literalmente, a casa – tema central de Freyre em Casa Grande & Senzala –, com o espaço público. Na década de 1960, Mauro Mota, por exemplo, chegou a enviar um ofício à residência de Gilberto Freyre, em Apipucos, pedindo equipamentos de construção emprestados para realizar uma reforma no instituto: “Senhor Diretor, solicito de V.S. ceder por empréstimo, durante alguns dias, duas pás que servirão às obras que estão sendo atualmente executadas neste Instituto”<sup>28</sup>.

Em outros momentos, o próprio Gilberto foi responsável pela doação de livros<sup>29</sup> e obras de arte. Freyre doou, por exemplo, objetos da casa que pertenceu ao industrial Delmiro Gouveia, a Vila Anunciada, que se transformou numa unidade do instituto, no bairro de

<sup>28</sup> GF, cr5. p1, doc14, Ofício (24 de abril de 1962).

<sup>29</sup> GF, cr57. p1, doc.6, Ofício (9 de abril de 1959).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

Apipucos, no Recife. “Tenho a satisfação de agradecer a oferta ao Instituto Joaquim Nabuco do material relacionado no ofício de V.S., ref. CRR nº 1239/60”<sup>30</sup>, diz Mauro Mota em ofício, que completa: “Tratando-se de peças da secular Vila Anunciada, que pertenceu a Delmiro Gouveia, muito úteis serão ao Museu deste órgão, ora em face de organização”<sup>31</sup>.

Como diretor-executivo, Mauro Mota também enfrentou dificuldades na relação com gestores de outras instituições do governo federal, como a antiga Universidade do Recife, atual Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E o apoio de Freyre, longe de ser apenas de ameaça, foi importante para lhe abrir caminhos. Por exemplo, em 6 de abril de 1961, ele enviou uma carta a Gilberto reclamando da falta de palavra do reitor da instituição João Alfredo. Ele teria acertado – inclusive com conversas pessoais – com Mauro Mota a cessão, por um ano, da servidora da universidade e bibliotecária Fernanda Ivo ao instituto. O processo, então, andou da Reitoria e chegou à Faculdade de Filosofia de Pernambuco, onde a servidora estava lotada, e recebeu o parecer favorável da transferência pelo diretor Nilo Pereira. Mauro Mota, então, tratou do assunto novamente com o João Alfredo, na reitoria, e depois, novamente com ele, na presença de Gilberto Freyre, em uma recepção do embaixador da Alemanha Ocidental no estado.

“Embora tivesse o Sr. Reitor considerado, na ocasião, a solicitação atendida, surpreende-nos agora com essa negativa, conferindo reatividade a uma circular da Casa Civil da Presidência da República, publicada a 9 de fevereiro do corrente ano”<sup>32</sup>, revelou na carta, sendo pego de surpresa. A negativa traria dificuldades à biblioteca, que estaria em fase de reorganização, e à servidora, que já estava trabalhando, desde a última semana de dezembro de 1960, no instituto, com base nos entendimentos verbais entre os dois gestores.

Mauro Mota pede diretamente a interferência pessoal de Gilberto no assunto: “Sugiro uma gestão pessoal de V.S. no sentido de mantê-la nesta instituição em face das dificuldades de pessoal especializado em Biblioteconomia no Recife”<sup>33</sup>, diz Mota, alertando que esse desencontro não interrompa “o espírito de colaboração que sempre existiu entre esta Instituição e a Universidade do Recife”<sup>34</sup>. A dependência e a sujeição do instituto a Gilberto Freyre também tinha seus pontos positivos. Gilberto Freyre utilizava seu livre trânsito com os militares e com instituições (até internacionais) para defender os interesses do seu instituto e, como em outras questões que precisavam da interferência do sociólogo, a dupla Mauro e Gilberto venceu a batalha.

A bibliotecária Fernanda Ivo assumiu a chefia da biblioteca no ano de 1961 no lugar de Maria Orlando, que esteve no cargo desde 1958 e também retornou à sua instituição de origem: a Universidade do Recife (JUCÁ, 1991, p. 92). Os esforços de Mauro Mota eram para que a biblioteca pudesse, de fato, ser uma referência aos pesquisadores. Mesmo tendo como origem o sótão da Vila Elvira, a biblioteca funcionava com um acervo limitado, com pouco menos de 400 livros na época em que Mauro tomou posse. Nos anos 1970, no final de sua

<sup>30</sup> GF, cr57. p1, doc. 11, Ofício (5 de dezembro de 1960).

<sup>31</sup> Ibid.

<sup>32</sup> GF, cr57. P1, doc. 12, Ofício (6 de abril de 1961).

<sup>33</sup> Ibid.

<sup>34</sup> GF, cr57. P1, doc. 12, Ofício (6 de abril de 1961).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

gestão, já eram mais de 13.251 mil títulos, sem contar os periódicos, que somados chegava ao número de 24.695 mil exemplares (JUCÁ, 1991, p. 94).

A filósofa Judith Butler relaciona a sujeição – no caso, analisamos a sujeição de Mauro Mota a Gilberto Freyre – também como resultado do apego ao poder. Ao se subordinar, Mauro Mota também garantia o espaço necessário para consolidar a sua carreira de intelectual, além de gestor público de uma instituição de pesquisas. As condições de sobrevivência de Mauro Mota dentro do campo intelectual requeriam dele a reverência ao autor de Casa Grande & Senzala e acabaram se tornando uma característica de sua própria identidade enquanto pesquisador. “Nessa perspectiva, a sujeição é o efeito paradoxal de um regime de poder em que as próprias ‘condições de existência’, a possibilidade de continuar como ser social reconhecível, requerem a formação e a manutenção do sujeito na subordinação” (BUTLER, 2017, p. 36), diz a autora, que também defende:

A insistência em que o sujeito tem um apego apaixonado por sua própria subordinação tem sido evocada cinicamente por quem tenta desacreditar as reivindicações dos subordinados. A ideia é que se for possível mostrar que o sujeito leva adiante ou sustenta sua condição de subordinado, talvez a responsabilidade final dessa subordinação seja do próprio sujeito. Em oposição a esta ideia, eu diria que o apego à sujeição é gerado pelo poder, e parte dessa operação do poder se esclarece nesse efeito psíquico, uma de suas produções mais insidiosas. Se, num sentido nietzschiano, o sujeito é formado por uma vontade que se volta sobre si e assume uma forma reflexiva, então o sujeito é a modalidade de poder que se volta sobre si; o sujeito é o efeito do poder em recuo (BUTLER, 2017, p. 15).

O filósofo Vladimir Saflate afirma que trabalhamos para ser reconhecidos por um Outro – que nos observa como se estivéssemos em um panóptico privado (estrutura de uma prisão) –, que nos convoca para assumir desejos e vontades que fundariam nossa própria realidade. A relação de Mauro Mota, dentro do Instituto Joaquim Nabuco, sobretudo com a presença de Gilberto Freyre no Conselho Diretor da Instituição, assemelha-se com essa relação definida pelo filósofo: preso em um espaço delimitado e com a vontade de ser reconhecido pelo seu superior, dentro de uma relação social pautada pelo patrimonialismo. “A servidão real é substituída pela internalização de uma representação imaginária de autoridade fantasmaticamente constituída e responsável pela organização da identidade psicológica a partir de uma ‘vocação’” (SAFATLE, 2018, p. 165), destaca o filósofo, contribuindo com a tese de que a sujeição também é uma característica da formação da identidade de determinados indivíduos. Segundo ele, a pressão de internalização das disposições e regras sociais que permitem ao sujeito trabalhar e evitar suas vontades sustenta-se, em larga medida, na crença dessas disposições serem elementos fundamentais para a formação subjetiva de uma identidade psicológica desejada (idealizada). “Isso pode nos explicar por que, ainda hoje, é possível traçar, por exemplo, sólidas correlações entre longos períodos de desemprego e transtornos no sentimento de autoidentidade capazes de, no limite, levar à experiência de ‘morte social’” (SAFATLE, 2018, p. 165).

Com amplos poderes – simbólicos e jurídicos –, Gilberto Freyre ordenava a contratação de funcionários, sugeria palestras e pesquisas e mantinha o instituto sob seu controle, ao ponto de colocar seu filho, Fernando Mello Freyre, na diretoria-executiva e no



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

comando da instituição com a saída de Mauro Mota, em 1971. O Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais serviu também como espaço de consagração intelectual do próprio Gilberto Freyre. Por lá, diversas palestras e conferências foram realizadas por ele durante a gestão de Mauro Mota. Ao longo de 14 anos de gestão, Freyre apresentou 19 conferências, fora os livros e debates na instituição em torno de sua obra<sup>35</sup>.

Além disso, intelectuais que pesquisavam seus trabalhos e se tornaram especialistas e propagadores deles tiveram no instituto um órgão financiador. Ligado à Universidade de Brasília, Edson Nery, por exemplo, chegou a pedir a Mauro Mota passagens aéreas da capital federal ao Recife para dar andamento à biografia que estava produzindo sobre Gilberto Freyre. Em uma carta datada de 20 de outubro de 1964, Nery pediu a Mauro: “Gostaria de saber se o Instituto Joaquim Nabuco poderia dar-me passagens aéreas RIO-RECIFE-RIO, a fim de que eu passasse o mês de janeiro no Recife, acabando a biografia de Gilberto Freyre<sup>36</sup>”. O autor argumenta que tal trabalho só poderia ser realizado na “própria casa” de Gilberto, ou seja, no Recife, pois havia muita coisa que ainda não tinha visto e era preciso estar in loco com o biografado.

Não se sabe se a instituição bancou, de fato, tal pedido. Mas esse tipo de documento é encontrado com bastante frequência no acervo de Mauro Mota disponibilizado pela Fundação Joaquim Nabuco, herdeira do instituto. Além disso, o próprio diretor contou com a presença de dois de seus filhos nos quadros da instituição. Além de funcionários do instituto, Roberto e Luciana Motta figuraram entre os 12 pesquisadores agraciados com bolsa de estudos e que foram acolhidos pelo instituto. “Em 1963, Roberto Mota, que fez o curso de desenvolvimento nacional no Instituto de Ciências Sociais de Haia, que lhe concedera bolsa de estudos, e onde recebeu o grau de mestre em ciências sociais” (MOTA, 1974, p. 28), diz o próprio Mauro Mota em seu relatório de gestão. “Em 1968, Luciana Cortez Mota, que fez, na Universidade de Gante, Bélgica, entidade concessora da bolsa de estudos, curso de aperfeiçoamento em técnica de pesquisa em história social” (MOTA, 1974, p. 28).

A prática patrimonialista, juntada ao ingresso no serviço público, segundo o sociólogo Sérgio Miceli, permitiu aos herdeiros dos ramos empobrecidos da antiga oligarquia resgatar o declínio social a que se viam condenados assumindo diferentes tarefas na divisão do trabalho de dominação” (MICELI, 2001, p. 200). Ou seja, o que seria a primeira vista uma prática de aparelhamento também era, na verdade, uma forma de usar o aparelho de Estado para sobrevivência.

## Considerações finais

Jornalista, poeta, geógrafo, gestor de instituições públicas. Não há como realizar uma historiografia da intelectualidade pernambucana no século XX sem citar o nome de Mauro Mota. Ligado ao sociólogo Gilberto Freyre, mostramos e defendemos que essa relação – mesmo sendo sujeitada – foi decisiva por levar Mauro a postos-chave de reconhecimento

<sup>35</sup> O sociólogo Gilberto Freyre aparece como maior conferencista do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS) durante a gestão de Mauro Mota, entre os anos de 1956 e 1971. Os números estão disponíveis no relatório de gestão de Mauro Mota à frente da instituição (MOTA, 1974, p. 63-109).

<sup>36</sup> Fundaj, CMMo, cpr. 55, doc. 1197, Correspondência (20 de outubro de 1964).



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

entre seus pares, como a direção do então Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais (IJNPS). A identidade intelectual foi forjada à sombra daquele que foi o maior nome das ciências sociais e humanas de Pernambuco no período analisado por nós. Assim como Mauro, outros intelectuais seguiram o mesmo caminho, atraídos pelo guarda-chuva das benesses freyrianas, apesar de muitas delas serem conquistadas ao lado de tomadas de posição que, aos olhos de hoje, são consideradas extremamente fora da curva, por exemplo, o apoio ao Golpe de 1964. Ao lado de Mauro, intelectuais como Edson Nery da Fonseca, José Lins do Rêgo, Nilo Pereira, Tadeu Rocha, entre outros, venenaram a obra do autor de Casa Grande & Senzala.

O sociólogo de Apipucos lhe abriu portas, é evidente, mas Mauro conseguiu aproveitar bem essa relação. Ao contrário de outros nomes, como Álvaro Lins, que saíram do estado e só assim conquistaram maiores espaços e tiveram reconhecimento nacional, Mauro permaneceu no Recife e muitos de seus trabalhos foram celebrados pela crítica nacional em jornais dentro e fora da rede dos Diários Associados, na qual trabalhou. Mauro Mota consagrou-se como membro de importantes espaços culturais e científicos do período. Seu currículo e atividades fazem sombra a muitos de seus contemporâneos.

Dentro das condições postas no momento, a carreira intelectual de Mauro Mota pode ser considerada extremamente bem sucedida. Apesar de todas as adversidades no campo familiar, sobretudo as de ordem financeira, com o falecimento prematuro do seu pai, ele foi um vitorioso dentro do contexto letrado de Pernambuco no século XX. As próprias conquistas celebradas por ele, como a gestão do Instituto Joaquim Nabuco, e sua permanência, por muitos anos, pode ser creditada, além da boa relação com Freyre, ao seu esforço pessoal, sua capacidade de relacionar-se e administrar interesses diversos.

Além disso, Mauro conquistou espaço em diversas instâncias de consagração para um intelectual, como imortal das Academias Brasileira e Pernambucana de Letras, membro dos Conselhos Federal e Estadual de Pernambuco de Cultura, diretor do Departamento de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura de Pernambuco e diretor do Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano (Apeje), este sendo seu último cargo público, assumido em 1972 e findado com sua morte, no Recife, em 22 de novembro de 1984.

Assim, a identidade sujeitada enquanto intelectual foi, para ele, além de uma estratégia de sobrevivência, uma forma de conquistar seu espaço. Sua obra é repleta de livros que vão desde questões voltadas à teoria da comunicação, até estudos sociológicos e históricos sobre Pernambuco. Claro, todas elas, ou quase todas, com referência a Gilberto Freyre, mas nem por isso de menor importância. Mauro Mota foi fruto de práticas de sujeição ainda comuns hoje no meio intelectual – bem menores, claro – e por isso mesmo deve ser analisado dentro do contexto em que foi inserido e, ao mesmo tempo, referenciado como um intelectual chave dentro da história recente da intelectualidade em Pernambuco.

Nossa contribuição com este trabalho para a historiografia recente sobre nossos intelectuais é romper com uma narrativa de celebração em torno de Mauro Mota e trazer os lados positivos e negativos da presença de Gilberto Freyre na sua formação. Estudos já realizados sobre Mauro, sobretudo os dois produzidos por amigos pessoais, Nilo Pereira e Waldemar Valente, perpassam por assuntos que, dentro do contexto da época e do seu círculo de convivência; questões como política, vida afetiva e a problemática obra freyriana não foram analisadas de maneira apropriada. Claro que este artigo não é uma versão



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

definitiva da vida de Mauro Mota e Gilberto Freyre, há aspectos que podem ser revistos e aperfeiçoados. De qualquer modo, deixamos a nossa reflexão sobre a presença de grandes nomes na formação de intelectuais – como hoje em nossas academias de ciências humanas e sociais. Quantos Gilbertos Freyres existem em orientações de pesquisa? Essas práticas, comuns em meados e fins do século passado, ainda estão presentes em nossa cultura acadêmica e intelectual. Diríamos que tratam de intelectualidades tóxicas, com as quais eventualmente convivemos e precisamos conviver para sobreviver dentro das regras do jogo do campo.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. São Paulo: Cortes, 2021.
- AMARAL, Tércio de Lima. *É impossível substituir uma amizade fraternal: as conquistas de um intelectual em uma biografia de Mauro Mota (1908-1983)*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021.
- AMARAL, Tércio de Lima. “Nossas gavetas estão cheias demais”: os desejáveis e indesejáveis nas páginas do suplemento literário de Mauro Mota (1947-1959). *Clio*, n. 2, p. 1-25, 2022.
- AMARAL, Tércio de Lima; NASCIMENTO, Alcileide Cabral do; LINS, Aline Maria. Transformações na imprensa recifense em tempos de Gilberto Freyre: relações de gênero e processo de produção nos suplementos literários nos anos 1920. *Revista Brasileira de História da Mídia*, n. 1, p. 214-230, 2017.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- AZEVEDO, Neroaldo. *Modernismo e regionalismo – Os anos 20 em Pernambuco*. João Pessoa: Secretaria de Educação e Cultura da Paraíba, 1984.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BOURDIEU, P. *Campo de poder, campo intelectual*. Buenos Aires: Editorial Montessor, 2002.
- BOURDIEU, P. *As regras da arte: gênese de estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- BURKE, Peter. *Repensando os trópicos: um retrato intelectual de Gilberto Freyre*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.
- BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- DUARTE, Jodeval. *Agitação cultural: o suplemento e Mauro Mota*. Recife: Comunigraf, 2001.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo: Editora Contracorrente, 2021.
- FONSECA, Edson Nery da. *O grande sedutor: escritos sobre Gilberto Freyre de 1945 até hoje*. Rio de Janeiro: Cassará, 2011.
- FREYRE, G.; LIMA, M. de O. *Em família: a correspondência de Oliveira Lima e Gilberto Freyre*. Cartas organizadas por Ângela de Castro Gomes. Campinas: Mercado de Letras, 2005.
- FREYRE, Gilberto. *Manifesto regionalista de 1926*. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura, 1955.
- FREYRE, G. *Tempo morto e outros tempos: trechos de um diário de adolescência e a primeira mocidade*. Recife: Fundação Gilberto Freyre, 2006.
- INOJOSA, Joaquim. *No pomar do vizinho: fraudes literárias de Gilberto Freyre*. Guanabara: Edição do Autor, 1968.



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

- JUCÁ, Joselice. *Joaquim Nabuco: uma instituição de pesquisa e cultura na perspectiva do tempo*. Recife: Fundaj, Editora Massangana, 1991.
- PEREIRA, Nilo. *Mauro Mota e o seu tempo*. Recife: Associação de Imprensa de Pernambuco, 1987.
- MARTINS, Wilson. *O modernismo*. São Paulo: Editora Cultrix, 1965.
- MICELI, Sérgio. *Intelectuais à brasileira*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- MOTA, M. *Cara e C'oroa: uma fase do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais*. Recife: Dialgraf, 1974.
- MOTA, Mauro. O verso na poesia gilbertiana. In: *Expressão literária em Gilberto Freyre*. Recife: Conselho Estadual de Cultura, 1981, p. 69-77.
- MOTA, M. Prefácio: Diário, Gilberto e Regionalismo. In: FREYRE, Gilberto (org.). *Livro do Nordeste*. 2. ed. Recife: Arquivo Público Estadual, 1979, p. 6.
- NICOLAZI, Fernando Felizardo. *Um estilo de história: a viagem a memória, o ensaio, sobre Casa-grande & senzala e a representação do passado*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Rural do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.
- MOTTA, Roberto. Mauro Mota, memória, data e festa. *Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano*, n. 65, p. 227-254, 2012.
- ROCHA, Tadeu. *Modernismo & Regionalismo*. Maceió: Departamento Estadual de Cultura do Estado de Alagoas, 1964.
- SAFATLE, Vladimir. *O circuito dos afetos: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.
- SILVA, Sílvia Cortez. *Tempos de Casa-Grande (1930-1940)*. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- VALENTE, Waldemar. *As diabruras de Mauro Mota*. Recife: Edições Pirata, 1986.
- VIEIRA, Anco Márcio Tenório. Enganos e controvérsias a propósito de um conceito: Regionalismo. In: MOTTA, Roberto; FERNANDES, Marcionila (org.). *Gilberto Freyre: região, tradição, trópico e outras aproximações*. Rio de Janeiro: Fundação Miguel de Cervantes, 2013, p. 40-56.

### Notas de autoria

Tércio de Lima Amaral é doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e Mestre em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). É professor de História na Prefeitura Municipal de Jaboatão dos Guararapes (PE). E-mail para contato: [tercio.amaral@uol.com.br](mailto:tercio.amaral@uol.com.br)

### Como citar esse artigo de acordo com as normas da revista

AMARAL, Tércio de Lima. Subordinação e conquistas na intelectualidade pernambucana: a relação de Mauro Mota e Gilberto Freyre. *Saeculum – Revista de História*, v. 31, [p. 01-24], 2026.

### Contribuição de autoria

Não se aplica

### Financiamento

Não se aplica



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/)

**Consentimento de uso de imagem**

Não se aplica

**Aprovação de comitê de ética em pesquisa**

Não se aplica

**Licença de uso**

Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons CC BY-NC 4.0](#). Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

**Histórico**

Recebido em: 22/01/2026

Modificações em: 01/06/2026

Aceito em: 15/06/2026



Esta obra está licenciada sob uma [Creative Commons – Atribuição 4.0 Internacional](#)